

'Wall Street Journal': Covas surpreende

12-12-88

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O atual quadro político brasileiro foi destaque ontem no principal editorial do "Wall Street Journal". Ao analisar os sinais emitidos recentemente desde a América Latina, concluiu que a região está prestes a renascer como um pólo democrático. O artigo, que cita a ascensão da candidatura de Fernando Collor de Mello como "um animador sinal de mudança", é aberto com menção a Mário Covas. E registrada como surpreendente sua recente declaração em favor do capitalismo, quando afirmou que o Brasil precisa promover uma privatização séria e não apenas retórica.

"Surpresas como esta estão se avolumando e surgindo rapidamente na política latina", diz o editorial, que faz breves citações à situação no México, no Peru, na Bolívia e na Argentina. Ao referir-se especificamente ao Brasil, que mereceu maior espaço, os editorialistas lembraram que se trata de um país grande e importante, afirmando que ele hoje "oferece o mais claro exemplo de rebelião dos eleitores. O Senador Covas provavelmente não estaria defendendo a privatização de empresas estatais se não estivesse lendo os resultados das pesquisas de opinião".

O "Wall Street Journal" acrescenta que as pesquisas mostram "um espantoso crescimento" de Collor, candidato cuja plataforma inclui a introdução de um maior mercado competitivo e, como acentuou o jornal, "a morte de uma horrenda infla-



Para jornal americano, Covas defende privatização de olho nas pesquisas

THE WALL STREET JOURNAL.

ção com a qual as elites do Brasil viveram tão confortavelmente durante muitos anos".

Após lembrar que Collor é o favorito, com 39% do eleitorado a seu favor — "muito à frente do seu rival mais próximo, o esquerdista e populista Leonel Brizola" —, o jornal comenta que esse fato é "um fenômeno para um político praticamente desconhecido um ano atrás. Isso significa que sua plataforma tem ressonância no povo brasileiro".

E observa: "Os seríssimos problemas sociais do país, baseados em

parte na enorme distância entre as elites ricas e as massas pobres, são diretamente atribuíveis ao controle político que o estatismo coloca nas mãos de poucos privilegiados. A inflação jamais incomodou as elites dominantes porque esse era o preço — e, para elas, um pequeno preço — pago pela retenção do poder".

Segundo o "Wall Street Journal", se for eleito, Collor verá que é mais difícil fazer reformas no Brasil do que em Alagoas:

"Mas seu sucesso já é um animador sinal de mudança".